

Apocalipse 20: uma breve história da doutrina milenarista

ÂNGELO VIEIRA DA SILVA¹

Resumo: O objetivo desse artigo é investigar a história da doutrina milenarista saciando a pergunta: como tal doutrina foi compreendida ao longo dos séculos pelos cristãos? A resposta deste questionamento guiará o leitor ao conhecimento das perspectivas escatológicas desde os primeiros séculos até a presente época pós-moderna. Para tanto, definem-se períodos na história como fervor escatológico (séculos iniciais), amornecimento da doutrina (séculos VI ao XV) e a ascensão escatológica até os dias atuais.

Palavras-chave: Milenarismo; escatologia; Apocalipse; milênio; mil anos.

Revelation 20: a brief history of millenarian doctrine

Abstract: The objective of this paper is to investigate the history of the doctrine millenarian satiating the question: how this doctrine has been understood through the centuries by Christians? The answer of this question will guide the reader to the knowledge of the eschatological perspectives from the early centuries to the present postmodern era. For this purpose, define periods in history such as eschatological fervor (early centuries), softening of the doctrine (VI to XV centuries) and eschatological rise to the present day.

Key-words: Millenarism; eschatology; Revelation; millennium; thousand years.

Um conjunto de conhecimentos adquiridos por meio de tradição ou de documentos sobre o passado da humanidade são transmitidos ao longo da história. A própria história é um método que permite a aquisição e transmissão de conhecimentos pertinentes à vida humana. Acontece o mesmo com as escrituras cristãs; cada obra possui sua história; cada aspecto literário possui seu

.....
¹ Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, ES. Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP. Pesquisador nas áreas de apocalíptica, pseudoepígrafos (literatura enoquita), escatologia (milenarismo e Apocalipse de João), angelologia e educação teológica. Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, residindo atualmente em Massachusetts, EUA. E-mail: revavds@gmail.com



contexto; cada doutrina pode ser esquadrinhada antes, durante e depois de seu tempo. Assim é com a doutrina milenarista.² Os parágrafos a seguir são o resultado de uma breve investigação da compreensão histórica dessa doutrina desde os primeiros séculos até a presente época pós-moderna.

Do século I ao V: uma escatologia fervorosa

Várias áreas da doutrina cristã receberam atenção e sistematização especial em períodos diferentes da história da igreja. Sem dúvidas, entre o primeiro e o quinto século as preocupações teológicas giravam em torno da apologética às ideias fundamentais do cristianismo, como a doutrina de Deus, do homem e do pecado (ERICKSON, 1982, p. 9). Por outro lado, a escatologia dos cinco primeiros séculos da era cristã pode ser denominada como fervorosa, pois a esperança de Paulo e João, tão incrustadas na Escritura, estava ardendo no coração dos cristãos nos séculos iniciais.

Ainda que muitas distorções aparecessem, os pais da Igreja procuraram entender os elementos que envolviam tal doutrina conforme o ensino bíblico. O teólogo Louis Berkhof (2001, p. 793) sintetiza a consciência escatológica daquela época declarando que

a Igreja em seu primeiro período foi perfeitamente consciente dos elementos distintos da esperança cristã. Por exemplo, que a morte física não é a morte eterna, que as almas dos mortos sobrevivem, que Cristo voltará outra vez, que haverá uma bem aventurada ressurreição dos que pertencem ao povo de Deus, que esta se seguirá pelo juízo geral no qual se pronunciará a condenação eterna sobre os ímpios, e onde os piedosos serão recompensados com as glórias eternas do céu.

Conscientes de que a idade messiânica já havia sido inaugurada, os cristãos passaram a elaborar suas teses sobre a doutrina milenarista, perpetuando seus ensinamentos no decorrer dos séculos da era comum.

Regressar ao primeiro século da era cristã é sentir que as promessas feitas por Jesus, seus apóstolos e, em especial, pelo livro de Apocalipse, ardem na mente dos cristãos. Assuntos próprios da escatologia podiam ser encontrados em muitos escritos, ainda que com certa precariedade. No contexto da doutrina milenarista, a Primeira Epístola de Clemente, escrita entre 90–97 d.C., menciona a segunda vinda de Cristo seguida de uma ressurreição futura. O livro Ascensão de Isaías, composto no final do primeiro século, destaca muitos aspectos da angelologia e um pequeno apocalipse cristão. Policarpo de Esmirna escreveu em 110 d.C., que esperava um juízo geral assim que Cristo voltasse, no final milenarista. A Segunda Epístola de Clemente, escrita entre 120–150 d.C., fazia referência à segunda vinda de Cristo, a uma ressurreição futura, ao juízo e à vida eterna.

Na transição do primeiro para o segundo século o tema escatológico focava-se na ressurreição. É interessante notar que esse tema foi alvo de profundos ataques do filósofo romano Celso.

.....

² A palavra milênio vem do lat. *mille* (mil) e *annus* (ano). Pela expressão milênio tem-se entendido no meio acadêmico o reino dos mil anos, ainda que não universalmente. Às vezes essa doutrina é chamada de *milenarismo* e em outras vezes de *quiliatismo* (expressão que significa *um mil* e que vem lembrar o texto original em grego, isto é, *xiloi*). Há muita confusão entre as etimologias apresentadas. Entretanto, o significado bíblico desse “mil” se refere, em sentido geral, à doutrina milenarista ou à era do reino. A base dessa doutrina foi formulada a partir de textos como Ezequiel 36-40, livro I de Enoque, livro IV de Esdras, Apocalipse de Baruque 39.4, Apocalipse 19-20, I Tessalonicenses 4 e outros textos.



A ressurreição é uma das concomitantes associadas à doutrina milenarista. O proeminente historiador Justo L. Gonzales (2002, v. 1, p. 86) cita as palavras de Celso contra essa preciosa doutrina:

E isso de ressurreição é o cúmulo das idiotices cristãs. Como ressuscitarão aqueles corpos destruídos por fogo, ou devorados por peixes ou pelas feras? Irá Deus por todo o mundo recolhendo e unindo os pedaços de cada corpo? Como se arranjará Deus, no caso daquelas porções de matéria que pertenceram primeiro a um corpo, e depois a outro? Será que o primeiro dono adjudicará esse pedaço de seu corpo? Em tal caso, ficará um buraco no corpo ressuscitado do dono posterior?

Contra as ideias de Celso se levantaria um homem chamado Orígenes. No segundo século ele escreveu a obra *Contra Celso*, refutando os sofismas. Quanto aos argumentos absurdos de Celso, os apologistas do segundo século assim formularam, apelando à onipotência divina: “com efeito, se cremos que Deus fez todos os corpos do nada, porque não haveríamos de crer que possa reconstruí-los novamente, mesmo depois de mortos e decompostos”? (GONZALES, 2002, v. 1, p. 93).

A *Didaquê*, doutrina do Senhor por meio dos doze apóstolos, escrita por volta de 125 d.C., apoiava um pré-milenismo pré-tribulacionista (ERICKSON, 1982, p. 107). Se o *Didaquê* pode ser dividido em quatro partes, a última trata de maneira mais profunda as questões escatológicas, uma vez que adverte os crentes sobre acontecimentos futuros. Esse documento revela que o anticristo trará provações que não serão apenas para os judeus ou os santos na tribulação, mas para toda raça humana: “então a humanidade entrará no fogo da tribulação” (GRIER, 1987).

Outro apócrifo curioso é a Epístola de Barnabé, escrita provavelmente por Clemente, em Alexandria em 135 d.C. Nela, se fala de uma ressurreição seguida por um julgamento, assim como na Segunda Epístola de Clemente. Não fala sobre um reino milenar após o juízo final. O autor da Primeira Epístola de Barnabé acreditava que o fim não poderia vir até que o Império Romano fosse dividido em 10 reinos (GONZALES, 2004, v. 1, p. 84-121). Até então, parece que esta tese não era muito difundida entre os estudiosos. Seria um germen pré-milenista? Para W. J. Grier (1987, p. 22-24) não, pois

Barnabé não admite a possibilidade de um milênio na terra, durante o qual homens não regenerados viverão sob o reinado de Cristo. É evidente, outrossim, sustentar ele, como todos da sua época, que os cristãos e não os judeus são os herdeiros do concerto.

Homens como Irineu de Lyon e Hipólito de Roma também prescreveram pensamentos escatológicos diferenciados. Assim como outros autores da época, acreditavam na doutrina milenarista como seis mil anos. Criam que a primeira vinda de Cristo se referia ao início do sexto período de mil anos; no final desse Cristo voltaria (ERICKSON, 1982, p. 79).

As ideias dos parágrafos anteriores podem ser conectadas na história de alguma forma. O julgamento pós-ressurreição anunciado pela Epístola de Barnabé com a ideia da doutrina milenarista ser referente a um sexto período de todo o processo histórico da vinda de Cristo são comentados por Gonzales (2004, v. 1, p. 84-85), que declara:



o julgamento ocorrerá num futuro próximo, pois o pseudo-Barnabé crê que Deus cumprirá todas as coisas quando o mundo atingir seis mil anos, em vista do fato de que Deus fez o mundo em seis dias, e mil anos são como um dia diante de Deus.

A *Apologia de Aristides*, provavelmente escrita em 138 d.C., possui uma clara expectativa escatológica do juízo. Aristides afirmava que o mundo estaria sujeito a um terrível julgamento que viria sobre todos por meio de Jesus; um pensamento geral entre os pensadores da época.

Os montanistas também pregavam a proximidade da chegada do reino milenarista. Esse grupo era em essência pré-milenista; esperavam a segunda vinda e os mil anos, a qualquer momento (GRIER, 1987, p. 27; ERICKSON, 1982, p. 79). Explicando a ignorada perspectiva montanista da escatologia, Gonzales (2002, p. 126) declara que

a razão porque o resto da igreja se opôs à pregação dos montanistas não foi sua ênfase nas profecias, mas a sua pretensão de que agora começava uma nova era, o fim da história. De acordo com o Novo Testamento, os últimos tempos começaram com o advento e a ressurreição de Jesus Cristo, e com a dádiva do Espírito Santo. Com o correr dos anos, isto foi sendo esquecido, até ao ponto que a nós hoje torna-se difícil concebê-lo assim. Mas no século segundo a igreja seguia afirmando que o fim havia começado em Jesus Cristo. Portanto, afirmar, como faziam os montanistas, que o fim havia começado agora, com a dádiva do Espírito à Montano e aos seus, era diminuir a importância dos acontecimentos do Novo Testamento e pretender que o evangelho não era senão uma etapa a mais na história da salvação. Tais doutrinas a igreja não podia aceitar.

A extravagância da escatologia montanista pode ser vista numa descrição de Alberto Rolán (2001, p. 80). De acordo com ele, Montano, ladeado de duas profetizas, proclamou ser a cidade de Pepuza, na Ásia Menor, o lugar onde seria concretizada a Nova Jerusalém de Apocalipse 20, como reinado de Jesus Cristo na terra. Não bastasse isso, a escatologia montanista também era muito literalista em suas interpretações.

Inácio de Antioquia entendia que sua época correspondia aos últimos dias pregados por Jesus. Assim, em Cristo e sua vitória sobre o maligno, Deus oferece a vitória sobre a morte e a divisão, que são instrumentos do mal contra a Igreja. Escreve (INÁCIO *apud* GONZALES, 2004, v. 1, p. 76):

Assim, toda magia foi dissolvida e todo laço de maldade desapareceu; a ignorância foi abolida e o velho reino [o que Groningen chama de reino parasita (GRONINGEN, 2002, p. 191 e 419)] foi destruído, visto que Deus tornou-se manifesto em forma humana para a novidade da vida eterna; o que foi preparado por Deus teve seu início. Portanto, tudo foi abalado ao mesmo tempo, pois a abolição da morte fora planejada.

Papias, bispo de Hierápolis no segundo século (cidade da Frígia Pacatiana, próxima de Laodiceia) e figura entre os discípulos de João, foi muitas vezes questionado por causa de seu *quiliasmo*, isto é, seu entendimento acerca da doutrina milenarista (PAPIAS *apud* GONZALES, 2004, v. 1, p. 81-82; GRONINGEN, 2002, p. 81; GRIER, 1987, p. 24-25). Papias cria um futuro reino de Cristo, assim como o herege Cerinthus. O posicionamento de Papias sobre a doutrina milenarista era que após o retorno de Cristo haveria um período de mil anos durante o qual ele

reinaria sobre a terra. O entendimento de Papias sobre a doutrina ultrapassava as fronteiras entre o poético e o improvável.

Uma literatura como esta tornava mais propenso o aparecimento de visões escatológicas distorcidas da Bíblia. Houve um certo Judas (citado por Eusébio) que, estudando as setenta semanas de Daniel, compreendeu que a volta de Cristo, a *parousia*, aconteceria no último ano do reinado do imperador Severo, ou seja, 203 d.C. (SCHALY, 1992, p. 15), o que, é claro, não aconteceu.

Do teólogo Justino Mártir fundamenta-se o que hoje se chama de pré-milenismo. “É provável que fosse a crença dominante durante o período apostólico, quando os cristãos acreditavam firmemente no fim iminente do mundo com a *parousia* de Jesus Cristo” (ERICKSON, 1982, p. 78-121). Ao que parece, a escatologia de Justino incluía além disso a ressurreição dos mortos, a glória real do evento e o estabelecimento de um reino de mil anos na Nova Jerusalém. Ele cria que os crentes sofreriam perseguição e tormentos antes da vinda do Senhor. Diante disso, ele se prefiguraria hoje como um pré-tribulacionista.

Irineu, bispo de Lyon, é interpretado como o pré-milenista do segundo século. O teólogo romano dizia que “a vitória do Senhor deve ser celebrada no tempo antes de Ele reinar na eternidade” (ERICKSON, 1982, p. 79). Irineu ensinou a respeito de uma idade de mil anos na terra, mas mil anos cujos benefícios seriam apenas para os salvos. Para ele, os mil anos seriam correspondentes ao sétimo dia da criação, ao dia de repouso (BERKOF, 2001, p. 715; GRIER, 1987, p. 27).

Essa compreensão de Irineu não era nova, pois remontava ao quarto livro apocalíptico de Esdras que contém referências sobre o reinado do Messias. Irineu também não acreditava num arrebatamento antes da tribulação (ERICKSON, 1982, p. 107). Nesse sentido, não deve ser considerado um proto-dispensacionalista. Sem dúvidas, é importante verificar o tratado de Irineu sobre o relacionamento entre os poderes de Deus e das atuações do diabo frente aos planos do Senhor. Sua teologia enfatizava que Cristo já havia vencido Satanás, sendo que sua vitória inicial não é a sua ressurreição, mas sua encarnação. Irineu (*apud* GONZALES, 2004, v. 1, p. 163) expõe que

por meio da sua morte e ressurreição [de Cristo], ele faz uso da mais formidável arma do mal, a própria morte, a fim de vencer o império de Satanás. O cumprimento final que agora esperamos – quando todas as coisas estiverem sujeitas a ele – será a última vitória de Cristo sobre o diabo. Enquanto isso, nós que vivemos no período entre a ressurreição e consumação, não vivenciamos um período de trégua desta luta de séculos; em vez disso, vivemos precisamente no período em que Cristo está concretizando sua vitória, a fim de nos conduzir ao dia final.

Um período entre ressurreição e consumação é destacado na visão escatológica de Irineu. Também há um período tribulacional e um dia final. Ao contrário do se declara, pensamentos como esses de Irineu podem ser proto-amilenistas. O grande problema, talvez, seja a série de alianças particulares que Deus realizou com o homem, culminando em Cristo, dependendo da leitura que cada um fizer de seu entendimento (IRINEU *apud* GONZALES, 2004, v. 1, p. 160):

Tais alianças são quatro, que se sucedem uma a outra em ordem cronológica. A primeira é a de Adão, que durou até o dilúvio; a Segunda é a de Noé, que se estendeu até o Êxodo; a terceira é a de Moisés, terminada pelo advento de Cristo. A quarta aliança é a de Cristo, que continuará até o final dos tempos.

Quando chegar a consumação final e o reino de Deus se estabelecer, o que não significa o fim da tarefa de Deus como pastor, os redimidos continuarão crescendo em comunhão com Deus e o processo de divinização continuará por toda a eternidade; esse é o ensino do bispo de Lyon.

Após a influenciadora escatologia de Irineu, pouco se viu de novo. Menciona-se a contribuição do filósofo e apologista cristão Atenágoras, em seu tratado sobre a ressurreição dos mortos em conexão com a imortalidade da alma. Menciona-se Orígenes e Caio de Roma, que criticavam duramente pensamentos “pré-milenistas”, pois tinham uma tendência de dar aos mil anos um sabor judaico, fazendo com que o Israel literal tivesse um lugar de tanta relevância no plano e programa de Deus, que em tese substituía a Igreja como objeto primário da operação do Senhor (ERICKSON, 1982, p. 88).

Alguns historiadores — parciais — enfatizavam que nos três primeiros séculos da era cristã a Igreja toda, quase como uma só pessoa, era de pressupostos pré-milenistas (FEINBERG *apud* GRIER, 1987, p. 19, 121). Um exemplo seria Tertuliano de Cartago, que antecipava o estabelecimento do reino de Cristo sobre a terra. Mas há outra perspectiva; outros pesquisadores salientam que o terceiro século distinguiu-se por uma oposição firme e decidida à crença em uma era de mil anos na terra; pensamento pré-milenista central (GRIER, 1987, p. 28).

No terceiro século se sobressaiu a escatologia de Hipólito de Roma, que refletia as mesmas características quiliásticas escabrosas de Irineu de Lyon (GONZALES, 2004, v. 1, p. 225). O ousado Hipólito, embasado em cálculos que fizera, entendeu que o fim do mundo se daria em 500 d.C. (ERICKSON, 1982, p. 79). Parece que o teólogo romano ignorou o erro de Judas entre o segundo e o terceiro século, bem como de um incógnito bispo sírio (CONCEIÇÃO, 2000):

o presbítero Hipólito de Roma, martirizado em 235 d.C., informa em sua Tradição Apostólica que, certa vez, um bispo sírio retirou-se para o deserto com toda a sua igreja para recepcionar o Cristo que estaria vindo por aqueles dias. Mas retornaram tristemente aos seus lares e não foram poucos os que naufragaram na fé.

A transição entre o terceiro e o quarto século foi marcada pela oposição de Metódio de Olimpo a Orígenes quanto à eternidade do mundo, a pré-existência das almas, a escatologia espiritualista e a exegese alegórica. Metódio favoreceu também uma escatologia quiliástica em seus escritos (GONZALES, 2004, p. 246). No quarto século muitos seguiam a interpretação histórica, como Lactânio, outros viam a história humana composta de seis mil anos, dos quais todos já teriam ocorrido, menos duzentos e cinquenta anos que ainda faltavam (ERICKSON, 1982, p. 122). Atanásio de Alexandria descreveu que Cristo viria julgar o mundo em apenas um juízo, tanto para bons como para maus (GRIER, 1987, p. 28). Não caberia o pensamento dispensacionalista nos escritos de Atanásio; é provável que esse foi muito influenciado pela escatologia de Irineu de Lyon.

A partir da época do imperador Constantino (323-373 d.C.) teve início a tendência de negligenciar ou de esquecer a esperança da igreja primitiva, de que seu Senhor retornaria nas nuvens para estabelecer um reino de paz e justiça. Gonzales (1997, p. 54) traz uma referência interessante a respeito daqueles que queriam despertar o sentimento escatológico: “em épocas posteriores a maioria dos grupos que voltaram a enfatizar esta esperança foram considerados he-



reges e revolucionários, e condenados como tais”. Mesmo assim, Eusébio de Cesareia interpretou o reinado de Constantino como o começo milenarista.

No ano 390 d.C. surgiu Ticônio, donatista africano, que introduziu uma nova interpretação milenarista³ de Apocalipse 20. Ele (ERICKSON, 1982, p. 50) concluiu que

a primeira ressurreição em Apocalipse 20, que introduz o milênio, é da morte do pecado para uma vida de justiça. Aqueles que participam da primeira ressurreição são aqueles que nasceram de novo, e este novo nascimento é levado a efeito através do batismo. A primeira ressurreição, portanto, é uma ressurreição espiritual, é o novo nascimento.

O grande problema dessa interpretação não era o fato de afirmar que Cristo já reinava naquela época, uma posição amilenista hoje, mas sim que “os mil anos” pregado pela igreja duraria até o fim dos tempos, o que para Ticônio era o ano 380 d.C. Portanto, ele cria que o fim dos tempos viria naquele ano, o que, é claro, não aconteceu.

Ticônio tinha alguns posicionamentos escatológicos muito interessantes: (a) entendia que o reino de Cristo não começaria com sua segunda vinda, mas já começara; (b) compreendia que as almas dos justos citadas em Apocalipse 20 são aqueles que morrem com Cristo na presente aflição, que morreram antes da ressurreição física, pois apenas suas almas são mencionadas; (c) interpretava que o reino de mil anos se iniciava na paixão de Cristo para a *parousia*; e (d) sobre sua aplicação referente às primeiras morte e ressurreição, Ticônio dizia que a primeira morte é devida ao pecado e a primeira ressurreição à sua remissão (ERICKSON, 1982, p. 50). É visível que Ticônio pregava no quarto século uma visão escatológica com muitos conceitos amilenistas. Harald Schaly (1992, p. 20) resume a argumentação de Ticônio salientando que o mesmo

ensinava que o milênio, que simbolizava um longo período de tempo, porém indeterminado, começara com a primeira vinda de Cristo e terminaria com sua gloriosa volta, que seria seguida logo pelo juízo final. Afirmava ele que a primeira ressurreição mencionada em Apocalipse 20:5-6, refere-se à conversão.

Pode-se dizer que, após as contribuições de Irineu de Lyon, a escatologia de Ticônio foi a mais proeminente dentre muitos outros grandes teólogos na história. Ademais, é importante citar que uma certa influência do pensamento escatológico da época, que não se sabe ao certo qual era, afetou Jerônimo de forma que foi sacudido pelo sonho do juízo final. Ele escreveu que os “santos nunca terão um reino terreal, mas um celestial; portanto, que cessasse essa história milenarista ou milênio” (SCHALY, 1992, p. 16; GONZALES, 1997, v. 2, p. 156).

Agostinho viveu entre 354-430 d.C. Em sua escatologia popularizou e promulgou o ponto de vista de Ticônio, mesmo sendo o oponente principal dos donatistas. A escatologia de Agostinho era convencional, embora tivesse problemas de interpretação. Sua obra *Cidade de Deus*⁴

.....
³ Ticônio não interpretava a palavra mil anos como literal e via o reino de Cristo apenas como um período prolongado de tempo, um princípio amilenista.

⁴ Nesta obra Agostinho faz uma enciclopédia histórica em que diz existirem duas cidades: a de Deus e a dos homens. Na história humana, essas duas cidades sempre aparecem misturadas, mas no fim permanecerá a cidade de Deus. Agostinho ainda defende que todos os reinos terreaux e nações deveriam sucumbir e desaparecer antes do fim.

ganhou proeminência no quarto século. Nela (AGOSTINHO, 1999, p. 435-436), ensinava que os mil anos descritos em Apocalipse 20 podem

ser entendidos de duas maneiras: ou porque isso há de passar-se nos últimos anos, quer dizer, no sexto milhar, como no sexto dia, cujos últimos agora transcorrem, para serem seguidos pelo Sábado que não tem tarde, ou seja, pelo repouso dos santos, que não terá fim (e em tal sentido aqui chamaria mil anos à última parte desse tempo, como dia que dura até o fim do mundo, tomando a parte pelo todo), ou se serve milenarista para designar a duração do mundo, empregando número perfeito para denotar a plenitude do tempo. O número mil é o cubo de dez e dez vezes dez é cem. Cem é figura plana; para torná-la sólida é preciso multiplicar cem por dez e já temos os mil. Se, por conseguinte, às vezes se emprega o número cem para indicar totalidade, como quando o Senhor fez esta promessa àquele que tudo deixa para segui-lo, [...] quanto mais se usará o número mil para designar universalidade, sendo o cubo de dez? é o melhor sentido das palavras do salmo: Nunca jamais se esqueceu da aliança e da promessa feita para mil gerações, ou seja, para todas.

Ao que parece houve um tempo na história em que Agostinho acreditou que os mil anos descritos em Apocalipse 20 se referiam a um Sábado universal, repleto de gozos espirituais, uma interpretação futurista. Abandonou essa visão por considerá-la exagerada e desenfreada (ERICKSON, 1982, p. 50). Convertido o pensamento escatológico, Agostinho passou a entender que a Igreja já estava nos mil anos, que datariam dos tempos de João até o fim ou abrangendo toda a presente era. Parece que suas afirmações são favoráveis ao amilenismo. Agostinho (*apud* ERICKSON, 1982, p. 51) citava Marcos 3:27 interpretando que

o valente é Satanás. Seus bens representam os cristãos, que anteriormente tinha sob seu domínio. Está amarrado, trancado no abismo, de modo que fique longe dos cristãos. Satanás, portanto, está amarrado durante o período inteiro entre a primeira vinda de Cristo e a Segunda, e, destarte, é incapaz de enganar as nações das quais se constituía igreja. No fim desta era será solto para testar a igreja e depois será final e completamente subjugado.

Afinal, a escatologia agostiniana influenciaria mais tarde não só grandes teólogos (como João Calvino), mas também a Igreja Católica Apostólica Romana (ROLDÁN, 2001, p. 81).

Por fim, os primeiro séculos, a teologia dos pais da igreja e os apócrifos daquela época salientavam uma escatologia muito ardente. Nesse período prevaleceram raízes de um pré-milenismo pós-tribulacional. Conclui-se que a igreja foi milenista, em grande medida, considerando os mil anos do livro de Apocalipse de maneira escatológica e futurista. A igreja acreditava que Jesus reinaria na terra no futuro (ERICKSON, 1982, p. 49):

Esse reino seria introduzido por um evento específico, talvez, a segunda vinda do Senhor. Às vezes, esse milênio era retratado de modo bastante vívido, o que deu origem a algo chamado quiliasmo, um entendimento altamente imaginativo do período terrestre de mil anos. Às vezes o quiliasmo era muito físico e literal no seu modo de entender a felicidade terrestre dos crentes. Esse conceito foi difundido em especial durante o período de perseguição da igreja, quando parecia improvável que a igreja fosse bem sucedida no seu esforço de ganhar o mundo para Cristo mediante a pregação do

evangelho. Se a igreja deveria ser vitoriosa teria que ocorrer alguma reviravolta dramática, cataclísmica e sobrenatural do curso dos eventos.

Do século VI ao XIV: uma escatologia amornecida

Agostinho marcou o final de uma era, os cinco primeiros séculos da história da igreja de Cristo, período de uma escatologia fervorosa. “Ele é o último dos escritores clássicos e o precursor da teologia medieval” (GONZALES, 2004, v. 2, p. 15). Não obstante, a teologia medieval em torno da doutrina milenarista quase que sucumbiu diante de tratados teológicos criados para defender aspectos cruciais do cristianismo, como as duas naturezas de Cristo, a criação, a trindade, a imortalidade da alma e outros.

A escatologia e a doutrina milenarista foram enfraquecidas nesse contexto. Nesse período são encontrados resquícios doutrinários ligados à doutrina milenarista que sempre eram lembrados com o passar dos séculos. Por isso, o período compreendido entre os séculos VI e XV é visto como amornecido escatologicamente; aquela esperança que ardia nas apologias dos primeiros séculos foram, aos poucos, sendo refrigeradas por outros aspectos da doutrina cristã que necessitavam de mais urgência nos tratados.

Desde o início do cristianismo, a doutrina milenarista e outras passagens bíblicas escatológicas instigavam a imaginação do mundo. Na antiguidade alimentavam pesadelos de plebeus e nobres em tempos de forte influência da igreja institucional sobre reinos inteiros. Como eram poucos os que sabiam ler, cabia aos clérigos a tarefa de transformar os relatos sobre os últimos tempos em pinturas ou esculturas, seguindo a orientação de papas, como Gregório, no século VI d. C.

Era relativamente comum encontrar representações iconográficas do inferno na entrada das igrejas católicas construídas até a idade média. Esse recurso foi muito usado para elucidar doutrinas no oitavo século (GONZALES, 1998, p. 111-113). O papa Gregório, conhecido como *O Grande*, entre o sexto e o sétimo século, tinha uma visão pessimista do mundo. Ele estava convencido de que a igreja vivia os últimos dias, entretanto não tinha um pensamento pós-milenista (GONZALES, 2004, v. 1, p. 71).

No sexto século, os chamados *três de Gaza*, Aeneas de Gaza, Zacarias de Mitilene e Procópio de Gaza, juntos com o filósofo alexandrino João Philoponus, suscitaram discussões ao negarem a doutrina da ressurreição do corpo no final dos tempos como descrito em Apocalipse 20. No século IX, João Scotus Erígena, lembrou a antiga doutrina grega do *apokatastasis*, afirmando que toda a criação está sendo levada de volta para o Criador com um grande processo de restauração final (GONZALES, 2004, v. 2, p. 89-90; 122-130).

Na chamada idade das trevas, em especial no décimo século, Adso de Luxeuil (ou de Montierender) rememorou os conceitos do anticristo, ainda que de forma histórica, aplicando o conceito a Luís IV; uma aparente raiz dispensacionalista. Adso, em correspondência com a rainha, declarou que nos últimos tempos, após grande tribulação, o anticristo seria destruído e o Senhor garantiria quarenta dias para que os que não resistiram à tentação do anticristo pudessem fazer penitência (GONZALES, 2004, v. 2, p. 140). Parecia que apenas grupos periféricos e excêntricos viam os mil anos, ou os princípios a eles subjacentes, como eventos futuros. Doutrinas como a de Adão e os fundamentos do pré-milenismo já eram suspeitos de serem heresias (ERICKSON, 1982, p. 51).



No do século X muitos estudiosos da Bíblia acreditavam que os mil anos descritos em Apocalipse tratavam-se de mil anos literais e ficavam muito emocionados nas suas expectativas à medida que o ano 1.000 se aproximava. Schaly (1992, p. 24) enuncia que

no decorrer daqueles tempos, foi geralmente aceito que o 'último dia' seguiria os mil anos (período da igreja), e assim foi marcado o fim do mundo para esse ano. Toda a cristandade esperou aterrorizada este acontecimento. Não tendo soado a trombeta final nesse ano, a liderança religiosa achou que os mil anos deveriam ser contados desde a crucificação, e assim a data fixada foi adiada para o ano de 1030. Novamente toda Europa se retorceu em terror. Quando nada aconteceu, a data do retorno foi adiada novamente para 30 anos mais tarde, porque então as datas da Anunciação e a Sexta-feira da Paixão coincidiam. Quando, diante disto, ainda não acertaram, resolveram que os mil anos eram somente símbolos do período total da duração da igreja.

No século XII Joaquim de Fiore propôs uma interpretação histórica das Escrituras. Sabe-se que ele fundou o monastério de São João de Fiore onde passou sua vida em contemplação e estudo da Bíblia, em especial o livro de Apocalipse. Não se tem sistematizado o que Joaquim cria sobre o Apocalipse, mas é interessante notar como ele fazia uma ligação entre a trindade e a história da igreja no mundo, crendo na existência de três estágios. Gonzales (2004, v. 2, p. 182) os cita, afirmando que Joaquim cria que

o primeiro estágio começa em Adão e termina em Cristo; a segundo vai de Cristo até o ano de 1260; o último se inicia naquela data e se estenderá até o final dos tempos. O primeiro é a era do Pai; o segundo é a era do Filho; e o terceiro é a era do Espírito. A data de 1260 é estabelecida por intermédio de um processo exegético que serve para mostrar o método teológico de Joaquim. Se entre Adão e Jesus houve quarenta e suas gerações, deve se esperar que, para manter a concordância entre ambos testamentos haverá também quarenta e duas gerações entre Cristo e o início da terceira era. Embora no Antigo Testamento estas gerações não sejam absolutamente de cumprimentos iguais, a perfeição do Novo Testamento necessita que sejam todas iguais. Se então se calcula com uma base de trinta anos para cada geração, quarenta e duas gerações serão 1260 anos.

Quanto ao tempo da terceira era, Fiore não se aventurou a adivinhar. Ele não incorreu nos erros de Judas, Ticônio e outros. Porém, o que deve ser percebido é que ele entendia a existência de um período, do qual não sabia o tempo, que viria e seria precedido por sinais ou presságios (GONZALES, 2004, v. 2, p. 183). Mais tarde, Fiore influenciaria as reflexões de filósofos como Gotthold E. Lessing e Friedrich Engels (ROLDÁN, 2001, p. 82).

Sem dúvidas o período correspondente entre os sexto e décimo quinto séculos foi de quase esquecimento da doutrina milenarista e seus princípios. Todavia, não importa que a doutrina milenarista tenha amornecido nesse período, pois durante a idade média a interpretação escatológica mais adotada na igreja cristã foi o chamado ponto de vista histórico, que colocava os eventos escatológicos dentro da história da igreja (ERICKSON, 1982, p. 107). Portanto, se os primeiros séculos da escatologia milenarista foram fervorosos e os dez séculos posteriores amornecidos, a partir da reforma a escatologia ganhou um novo impulso, ascendeu e se destacou no meio teológico.



Do século XV até hoje: uma escatologia ascendente

A época da reforma protestante é marcada por formulações pós-milenistas. Elas descreviam que o reino de Cristo passaria a ter alcance mundial por meio da pregação do evangelho, da conversão pessoal. Tal posicionamento era chamado de *Evangelho Social*, segundo o qual o mundo seria transformado de fora para dentro, em vez de vice-versa (ERICKSON, 1982, p. 51-52).

Muitas das maiores denominações enfim incorporam o pós-milenismo nos seus credos. As confissões de Augsburgo (1530) e Westminster (1643) podem ser interpretadas como pós-milenistas. A Confissão de Augsburgo (1530) condenava um certo “milenismo”. A Confissão do inglês Eduardo VI (século XVI), a qual mais tarde foi condensada aos 39 artigos, condena um certo milênio nos seguintes termos: “os que se tentam reviver a fábula do milênio se opõem às Sagradas Escrituras, atirando-se imprudentemente aos absurdos judaicos” (GRIER, 1987, p. 31). Tanto a Confissão Belga (1561), como a Segunda Confissão Helvética (1566) condenam o entendimento de uma idade áurea na terra antes do dia do Senhor.

No século XVI surgiu a interpretação futurista do Apocalipse. Segundo a história, essa teoria começou com um homem chamado Ribeira, como uma polêmica contra os ataques dos protestantes à Roma papal. Para Ribeira, a reforma protestante era a besta do Apocalipse, não Roma (HALE, 2001, p. 442). Outrossim, Martinho Lutero, devido ao clima de insegurança que se vivia no fim de 1521, intuiu a proximidade do dia do juízo final, do dia do Senhor, identificando a Babilônia como Roma católica e o papa como anticristo (ROLDÁN, 2001, p. 82).

Há influência de Agostinho na teologia luterana sobre a doutrina milenarista. Lutero (SCHALY, 1992, p. 28)

estava convencido de que o mundo duraria seis mil anos, dos quais só poucos anos faltavam e que, portanto, o seu tempo era o fim dos tempos, pois o Anticristo estava manifesto no sistema papal, e o diabo estava solto, como fora manifesto na guerra dos camponeses.

É fato que durante a reforma diversos teólogos ensinavam algumas formas de mil anos; uns consideravam os mil anos pertencentes ao passado, outros ao presente e outros ao futuro. A maior parte pensava em direção ao futuro. Não seria diferente com João Calvino, que foi sobretudo influenciado pela teologia agostiniana.

Calvino estava convencido de que a igreja romana era a Babilônia do Apocalipse e que os papas eram o profetizado “homem do pecado” ou anticristo assentado na igreja cristã. Alguns autores veem Calvino como amilenista e outros o identificam como pós-milenista. Entre os pontos de vista, nos conceitos de Calvino é perceptível a doutrina do domínio espiritual de Cristo sobre sua Igreja (CALVINO, 1985, p. 453-453), ou seja, o reformador enfatizava um dos aspectos concernentes ao que Cristo conquistou em sua primeira vinda: o domínio real.

Para Calvino, delimitar o reino de Cristo a um período de mil anos é algo que só poderia ser classificado como um *delírio*, devaneio e sandice. As *Institutas* mostram que o reformador entendia que Jesus tinha estabelecido seu reino já em seu ministério terreno (Lc 1:33), e tem mantido o domínio sobre a igreja e seus membros, guardando-a, “Pois, nem há dúvida de que aí Deus esteja a prometer que, pela mão de seu Filho, haverá de ser o eterno mentor e protetor da igreja” (CALVINO, 1985, p. 262). No último dia, Cristo entregará o reino ao Pai, cumprindo o seu ofício

de reger e conservar a igreja que Deus confiou em suas mãos. Nesse sentido, não é possível que o reino seja futuro, mas já é, ou seja, é uma realidade presente.

Calvino (1985, p. 262) nega a doutrina dos mil anos como posterior ao retorno de Cristo. Tal perspectiva procede da compreensão de: (a) o reino de Cristo não pode ser limitado por um período de mil anos por ser eterno e espiritual (foi implantado com a encarnação de Jesus, ou seja, não seria na segunda vinda), (b) o reino de Cristo não pode ser político e circunscrito ao governo teocrático de Deus sobre Israel, e (c) após a segunda vinda o reino não começará, mas se consumará, o que acontecerá no céu, não na terra.

Durante a reforma, tanto luteranos quanto reformadores em sua maioria seguiam Agostinho (ERICKSON, 1982, p. 80). Os séculos seguintes demonstraram, entre outros, os anabatistas perpetuando a expectativa do reino de Cristo na terra e os puritanos como principais expoentes do pós-milenismo (ROLDÁN, 2001, p. 93).

Em meados do século XVI, a expressão bíblica pouco tempo (Ap 20: 3) era uma questão delicada na escatologia. Havia certa apreensão pelo não cumprimento dessa expressão apocalíptica na igreja cristã da época. Esse *pouco tempo* estava se prolongando demais, abalando a convicção da veracidade de tal doutrina. Num tempo envolto em dúvidas e desconfiança, um homem chamado José Mede, professor de grego na Universidade de Cambridge, Inglaterra, perturbado por esse fato, elaborou um sistema histórico-progressivo de interpretação do Apocalipse. Ele teve o apoio de quase todos os teólogos reformados de sua época; nascia o pré-milenismo histórico (SCHALY, 1992, p. 37).

No século XVII surgiu a interpretação preterista do Apocalipse. A primeira apresentação sistemática deste método de interpretação aconteceu com um monge jesuíta desse século chamado Alcazar. Ele sempre dissertava contra os reformadores, que, por sua vez, usavam o Apocalipse para identificar o papa com o anticristo. Diante de tais acusações, Alcazar escreveu suas obras preteristas com meta histórica: ele queria provar que o livro de Apocalipse não tinha nenhuma aplicação àquela época, nem no futuro, pois tudo havia sido completado (HALE, 2001, p. 442).

Dentro do mesmo período, Willian Cave dividia a história bíblica em períodos patriarcal, mosaico e evangélico. Nessa época Pierre Poiret alistou seis períodos: criação, pecado, restauração antes da encarnação de Cristo, restauração depois da encarnação cooperação com a operação de Deus e a providência universal. Esses seriam os alicerces do surgimento do dispensacionalismo no século XX (ERICKSON, 1982, p. 94).

Entre 1638-1725 o teólogo inglês Daniel Whitby se tornou pioneiro de um sistema chamado pós-milenismo, ou seja, de sua sistematização como conhecida hoje em dia. Nesse sentido, pode-se dizer que o pós-milenismo surgiu na Inglaterra (sua ascensão maior entre os séculos XVIII e XIX), favorecida pelas ideias humanistas como as reformas políticas, missões mundiais, sociedades bíblicas, movimentos anti-escravagistas etc. Quanto a Whitby, Schaly (1992, p. 55-56) afirma que a convicção desse inglês

era que a igreja iria progredir e aprofundar e estender sua influência, até que o mundo todo fosse transformado. Essa conquista universal da igreja constituiria o milênio, que consistiria no desaparecimento da Igreja Romana, do maometanismo, das religiões pagãs, dando lugar ao cristianismo. Os governos passariam às mãos de pessoas honestas e justas; as forças da natureza seriam controladas pela ciência; a terra toda seria transformada num paraíso, onde não haveria mais guerra, nem violência,

nem epidemias, nem fome; o mal não desapareceria por completo, mas suas manifestações seriam muito reduzidas. Ocorreria, porém, lá para os fins desse milênio, uma revolta de descontentes, arrematados pelo Diabo, para transformarem a situação, depondo as autoridades genuinamente cristãs e substituindo-as por governos ateus ou anticristãos. Nessa situação é que Jesus voltaria, para destruir as hostes satânicas, lançando o diabo no lago de fogo, e ressuscitando, logo em seguida, todos os mortos, tanto ímpios como justos, para então julgá-los, tanto os vivos como os mortos, enviando os ímpios para o fogo eterno e os justos para o lar eterno, que é o céu.

Em 1878 J. Stuart Russel, o mais importante estudioso da escola preterista, publicou o livro *The Parousia* (relançado nove anos mais tarde), defendendo que as referências temporais do Novo Testamento, inclusive os mil anos, apontavam para o cumprimento dentro da época em que viveram, pelo menos, alguns dos discípulos de Jesus. Entre os preteristas, alguns concordarão que houve um primeiro cumprimento no ano 70 d.C., com um segundo e último cumprimento dentro de um futuro ainda desconhecido (SPROUL, 2002, p. 19-20).

Enfim, da reforma ao século XIX pode ser vista de maneira clara uma ascensão escatológica. O mundo tem se voltado para a escatologia assim como a igreja primitiva fez; do mesmo modo que os pais da igreja fizeram nos primeiros séculos da era cristã. Vários modos de interpretação milenarista foram sistematizados e muitos livros foram escritos. O sermão apocalíptico de Cristo (Mt 24), as simbologias nos livros bíblicos e a esperança do fim aquecem o seio da igreja pós-reforma.

É no século XIX que sobrevêm um marco diferente na escatologia protestante. A teologia bíblica da aliança de Deus com o homem seria assaltada; surgia o dispensacionalismo. Essas doutrinas vigentes a partir do século XIX, ainda que sustentadas, em parte, ao longo dos séculos por alguns poucos teólogos, foram sistematizadas por John Nelson Darby. Ele desenvolveu a hermenêutica e a teologia dispensacionista⁵; se tratava do futurismo de Ribera, reavivado por Maitland, apoiado por Willian Burg e outros (SCHALY, 1992, p. 45-53).

O pré-milenismo dispensacionista, já evidente, foi construído, a partir da ideia de um reinado literal de Cristo na terra, por parte de alguns dos pais da igreja. Charles Ryrie afirma que “não há dúvida de que os irmãos de Plymouth, dos quais Darby (1800-1882) foi um dos líderes, tiveram muito a ver com a sistematização e a propagação do dispensacionalismo” (RYRIE e CHARLES *apud* ROLDÁN, 2001, p. 85). O dispensacionalismo está sendo propagado desde a publicação do livro *Jesus is coming (Jesus está voltando)* de 1917, do qual 350.000 cópias foram impressas, e, sobretudo, pela popularidade da *Bíblia Anotada*, a *Bíblia de Scofield*. Pode-se dizer que nos últimos anos houve uma ascendência desse posicionamento, resultado da propagação dessa bíblia e pelos institutos bíblicos dessa linha. Esse sistema é muito popular. Encontra-se nos movimentos batistas conservadores e tem aceitação quase que mundial entre as igrejas independentes e fundamentalistas.

Visto que por um lado o dispensacionalismo tem se erguido, o pós-milenismo tem sofrido um forte declínio na sua popularidade ao longo dos últimos cinquenta a sessenta anos. O resul-

.....
⁵ Essa forma de interpretação bíblica surgiu quando o inglês John Nelson Darby começou a reunir um grupo de cristãos insatisfeitos com o cristianismo da época, para ler a Bíblia e celebrar a Ceia do Senhor. Esse grupo passou a ser chamado de *The Brethren (Os Irmãos)*, ou *The Plymouth Brethren (Os Irmãos de Plymouth)*. Os dispensacionistas insistem sempre na interpretação exata e literal das Escrituras. Eles acreditavam que o “novo Israel” não é a igreja e sim o Israel físico restaurado. Segundo eles, a história de Deus na sua relação com o ser humano é demonstrada em diferentes dispensações e em cada uma delas Deus lida com o ser humano de uma forma diferente. Há vários sistemas dispensacionistas, porém o mais conhecido de todos é aquele que contém sete dispensações, e foi divulgado por Scofield. As dispensações são: inocência, consciência, governo humano, promessa, lei, graça e reino.



tado disso é perceptível por meio das considerações históricas levantadas aqui. Como Ericson (1982, p. 52) afirma: “hoje, os pós-milenistas são, senão uma espécie extinta, pelo menos uma espécie que corre perigo”.

Tanto alguns pós-milenistas, quanto alguns pré-milenistas, têm se preocupado em fixar datas. Assim como ocorrido em 1919, quando o pós-milenista James A. Snowden entendeu que a primeira guerra mundial terminaria para sempre com o militarismo e começaria um desenvolvimento rápido para os mil anos (ERICKSON, 1982, p. 55). Aliás, hoje se sabe que não foi assim. É por isso que Roldán (2001, p. 94) conclui com facilidade

que o pós-milenarismo teve seu momento de esplendor no século XIX, mas entrou em colapso com as duas conflagrações mundiais do século XX. [...] O pós-milenarismo já não é um problema na teologia. A Segunda guerra mundial deferiu o golpe de misericórdia nesse sistema.

No final do século XIX Johannes Weiss teve uma concepção contrária com a de seu sogro, Ritschl, sobre o reino de Deus. Em 1892 ele publicou sua obra *A Pregação de Jesus sobre o Reino de Deus* na qual enfatizava os aspectos escatológicos dos ensinamentos de Jesus (GONZALES, 2004, v. 3, p. 386). O teólogo Anthony Hoekema (2001, p. 342) esclarece essa concepção de Weiss que

esperava o reino como uma realidade futura. O reino não viria como resultado de um processo evolutivo gradual, mas viria como uma total irrupção na História, totalmente diferente do que tivesse havido antes. [...] Portanto, o Reino de Deus não é tarefa do homem, nem pode ser desenvolvido pela obra do homem; é inteiramente obra de Deus.

Weiss definiu o reino futuro como “uma explosão de uma tormenta divina terrível que irrompe na história para destruir e renovar” (ROLDÁN, 2001, p. 18).

Albert Schweitzer, autor do livro *A busca do Jesus histórico*, foi muito influenciado pelo pensamento escatológico de Weiss, que por sua vez atacou Ritschl. Para Schweitzer a escatologia de Jesus não se concretizou, o que levou à formulação de seu conceito de “adiantamento da parúsia” (SPROUL, 2002, p. 16).

Considerações finais

Neste artigo foi possível ter uma visão histórica sobre as interpretações da doutrina milenarista. Os pensadores e obras pesquisados não se limitavam às escolas teológicas distintas, mas ao estabelecimento do tipo de teologia predominante em cada período da história e como essa foi se desenvolvendo.

É indiscutível que a doutrina milenarista nos primeiros cinco séculos foi profundamente fervorosa, enquanto que nos dez séculos posteriores, aos poucos foi sendo amornecida. O fato de que a escatologia está em crescente ascensão é exposto na igreja contemporânea, sobretudo em virtude da expansão do dispensacionalismo.

Diante desse desafio histórico e da ascensão dispensacionalista, a hermenêutica poderá ser a grande arma que restringirá os generalizados conceitos milenistas nos dias atuais que têm tor-



nado a doutrina milenarista um sistema muito complexo, dificultando a pura e simples verdade da doutrina escatológica.

Referências

- A confissão de Augsburgo.** Disponível em: <<https://bit.ly/3cQV1vP>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- AGOSTINHO. **A Cidade de Deus:** contra os pagãos, parte II. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- AGOSTINHO. **A Cidade de Deus:** parte I. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ALLISON, H. B. **A Doutrina das Últimas Coisas:** estudos esboçados sobre a profecia bíblica. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1971.
- ALMEIDA, J. F. **Bíblia Sagrada.** 2. Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil & Cultura Cristã, 1999.
- ARISTIDES. **Apologia de Aristides.** Disponível em: <<https://bit.ly/2A5G9Lm>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- ATENÁGORAS. **Petição a favor dos cristãos.** Disponível em: <<https://bit.ly/2ATCuku>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- BARCLAY, W. **Apocalipsis I.** Barcelona: Clie, 1999.
- BAVINCK, H. **Teologia sistemática.** São Paulo: SOCEP, 2001.
- BERKHOF, L. **Teologia sistemática.** 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- BRÈS, G. **A confissão belga.** 1561. Disponível em: <<https://bit.ly/2HJUzoy>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- BULLINGER, H. **Segunda confissão helvética.** 1566. Disponível em: <<https://bit.ly/3l2gTYN>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- BUTTRICK, G. A. **The interpreter's Bible.** Nashville: Abingdon, 1957.
- CALVINO, J. **As institutas ou tratado da religião cristã.** v. 3. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- CESAREIA, E. **História eclesiástica.** São Paulo: Novo Século, 2002
- CHAFER, L. S. **Teologia sistemática:** v. 3, 4, 7, 8. São Paulo: Hagnos, 2003.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo:** v. 1. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2011.
- CLEMENTE. **Primeira Carta de Clemente.** Disponível em: <<https://bit.ly/2Tz53di>> Acesso em: 30 set. 2020.
- CLEMENTE. **Segunda Carta de Clemente.** Disponível em: <<https://bit.ly/2LT76VB>> Acesso em: 30 set. 2020.
- CLOUSE, Robert G. **Milênio:** significado e interpretações. Campinas: LPC, 1990.



CONCEIÇÃO, E. **Escatologia**: uma análise introdutória. Disponível em: <<https://bit.ly/2LTjEvU>>. Acesso em: 30 set. 2020.

Epístola de Barnabé. Disponível em: <<https://bit.ly/2XvqHR8>>. Acesso em: 30 set. 2020.

ERDMAN, C. R. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo, SP: CEP, 1960.

ERDMAN, C. R. **Apocalipse**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960.

ERICKSON, M. J. **Opções contemporâneas na escatologia**: um estudo do milênio. São Paulo: Vida Nova, 1982.

FILHO, T. G. L. **Origem e desenvolvimento da religião**. Rio de Janeiro: Juerp, 1993.

GONZALES, J. L. **Uma história do pensamento cristão: da reforma protestante ao século XX**, v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GONZALES, J. L. . **Uma história do pensamento cristão**: de Agostinho às vésperas da reforma, v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GONZALES, J. L. . **Uma história do pensamento cristão**: do Início até o concílio de Calcedônia, v. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GONZALES, J. L.. **Uma história ilustrada do cristianismo**: a era dos mártires, v. 1. São Paulo: Vida Nova, 2002.

GONZALES, J. L. . **Uma história ilustrada do cristianismo**: a era dos gigantes, v. 2. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GONZALES, J. L. . **Uma história ilustrada do cristianismo**: a era das trevas, v. 3. São Paulo: Vida Nova, 1998.

GONZALES, J. L. . **Uma história ilustrada do cristianismo**: a era dos sonhos frustrados, v. 4. São Paulo, SP: Vida Nova, 1999.

GONZALES, J. L. . **Uma história ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores, v. 5. São Paulo, SP: Vida Nova, 2003.

GONZALES, J. L. . **Uma história ilustrada do cristianismo**: a era dos dogmas e das dúvidas, v. 6. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GONZALES, J. L. . **Uma história ilustrada do cristianismo**: a era dos novos horizontes, v. 9. São Paulo: Vida Nova, 2003.

GRIER, W. J. **O maior acontecimento de todos os tempos**. 2. ed. São Paulo: Luz para o Caminho, 1987.

GRUDEM, W. **Teologia sistemática: atual e exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HALE, B. D. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.

HALL, C. A. **Lendo as Escrituras com os pais da igreja**. Viçosa: Ultimato, 2000.

HENDRIKSEN, W. **A Vida futura segundo a Bíblia**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988.



- HENDRIKSEN, W. **Mais que vencedores**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- HODGE, C. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HOEKEMA, A. **A Bíblia e o Futuro: a Doutrina Bíblica das Últimas Coisas**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- JENSEN, I. L. **Apocalipse**. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.
- JUSTINO. **Apologia I**. Disponível em: <<https://bit.ly/36xGAdJ>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- KISTEMAKER, S. **Comentário do Novo Testamento: Apocalipse**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- LADD, G. E. **Apocalipse**. 7. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- MOLTMANN, J. **Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia Cristã**. São Paulo: Teológica, 2003.
- NICHOLS, R. H. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: CEP, 1954.
- O Didaquê**. Disponível em: <<https://bit.ly/3cZPKSN>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- ORÍGENES. **Contra Celso**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- ORÍGENES. **De Principiis prólogo e livro IV**. Disponível em: <<https://bit.ly/2LXnWm9>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- PADOVESE, L. **Introdução à teologia patrística**. São Paulo: Loyola, 1999.
- PENTECOST, J. D. **Manual de escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros**. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- POHL, A. **Apocalipse de João II: comentário esperança**. Curitiba: Esperança, 2001.
- POLICARPO. **Epístola aos filipenses**. Disponível em: <<https://bit.ly/3gjGtqI>> Acesso em: 30 set. 2020.
- ROLDÁN, A. F. **Do terror à esperança: paradigmas para uma escatologia integral**. Londrina: Descoberta, 2001.
- SALVADOR, J. G. **O Didaquê**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1980.
- SCHALY, H. **Breve História da Escatologia Cristã: a escatologia antenicensa, a escatologia pós-nicensa, a escatologia da reforma, o pré-milenismo histórico, o pré-milenismo dispensacionista, o pós-milenismo, os sinais dos tempos**; 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1992.
- SEISS, J. A. **The Apocalypse: Lectures on the book of Revelation**. 6. ed. Michigan: Zondervan Publishing House, 1966.
- SPROUL, R. C. **Os Últimos Dias Segundo Jesus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- STRONG, A. H. **Teologia sistemática**. v. 2. São Paulo: Hagnos, 2003.
- TACIANO. **Discurso Contra os Gregos**. Disponível em: <<https://bit.ly/3glhKIE>>. Acesso em: 30 set. 2020.



TERTULIANO. **Apologia**. Disponível em: <<https://bit.ly/2WZkvSo>>. Acesso em: 30 set. 2020.

TRAVIS, S. **Creio na segunda vinda de Jesus**. Campinas: LPC, 1990.

WILCOOK, M. **A Mensagem de Apocalipse**. São Paulo: ABU, 1986.